EDITORIAL

TEOPOÉTICA: UMA MANEIRA DE FAZER TEOLOGIA?

Ha que reconhecer que o discurso da "teopoética" em geral e particularmente em relação com a interpretação da Escritura e a reflexão teológica é ainda um bastante recente desenvolvimento que brota da intersecção entre teologia e estudos literários, similar a " espiritualidade bíblica" – que brota da intersecção entre estudos bíblicos e espiritualidade; e " estética teológica" que brota da intersecção da teologia com todas as formas da estética: arte, literatura, música etc.

Trata-se de "um espaço interativo entre estudos bíblicos literários, teologia e espiritualidade e mística e é precisamente aquilo que seu nome diz – " teopoética" – ou teoria do poder espiritualmente transformador dos textos bíblicos como textos e da profundidade teológica dos textos literários, atualizados através de uma certa forma de leitura ou interpretação. (SCHNEIDERS, 2013, p. 145) Seria mais preciso talvez dizer que teopoética e a face literária ou textual da reflexão mais ampla sobre estética teológica como uma forma de aproximação da espiritualidade. (SCHNEIDERS, 2013)

Muitos autores pensaram e chegaram a definições do que seja teopoética. Aqui elencamos algumas dessas definições:

> Scott Holland: uma espécie de escrita que convida a mais escrita. Suas narrativas levam a outras narrativas, suas metáforas encorajam novas metáforas, suas confissões mais confissões... (HOLLAND, 2006, p. XIX-XXI)

> Thomas Dailey: como método de interpretação, teopoética busca articular o sentido espiritual que vem a nos em, por e através de uma experiênciasimbólica... Como uma forma de pensar religioso, a teopoética afirma a primazia da " invenção" e da " construção imaginativa" particularmente apropriada para considerar a experiência do ritual e do louvor. " (DAILEY, 2007, p. 3)

> Stanley Hopper: "a teopoética enfatiza a dimensão do poema, da criatividade de Deus, sua prerrogativa de ser, se se quer teologizar sobre, de forma que eu devo mover-me dentro de sua própria natureza criativa e devo construi-lo criativamente, de forma que eu possa tornar-me co-criador com Deus, se se deve falar teologicamente...devemos aprender, confiar, ser um com, um respiro dentro do inalar e do exalar do Ser, a fim de que 'o deus' possa respirar através de nos, e nos, através da tradução deste respirar em canção, talvez...os olhos do tornar-se e uma língua para a dicção do Ser." (HOOPER, 1967, p. 3)

> J. Denny Weaver: "para os teólogos, a teopoética vai sublinhar a (as vezes relutante) anuência a que a teologia e uma forma de verdade, mas não deve ser confundida com a verdade em si mesma." (WEAVER, 2013, p. 13)

Por último, gostaríamos de trazer aqui alguns teólogos considerados fundadores da Teopoética enquanto gênero teológico/literário, pelo menos na teologia dos EUA.

O primeiro é Amos Wilder, com seu livro publicado em 1976. (WILDER, 1976). Ao justificar seu apelo e desejo por uma "teopoética", o Autor diz desejar fazer mais justiça ao papel do simbólico e do pré-racional na maneira que se trata com a experiência. Declara também ser necessário reconhecer que a natureza e as sociedades humanas se

motivam mais profundamente com as imagens e as fabulações e histórias do que com as ideias. "É ali, diz ele, que repousa o poder e o futuro e configurado." (WILDER, 1976, p. 2).

Ao falar diretamente da teologia, diz Wilder: " Apesar de a teologia, *strictu sensu*, ser uma atividade intelectual e não discursiva, o trabalho dos grandes teólogos sempre foi atravessado pela imaginação. O tipo de verdade e de razão que a teologia está preocupada em clarificar não permite um tratamento meramente abstrato, ou rígido ou pedante". (WILDER, 1976, p. 3)

Amos Wilder e comentado por parte do ponto de vista da teologia latina dos EUA, por um de seus mais conhecidos pensadores, o teólogo Roberto Goyzueta. Começa uma reflexão que e parte de um livro que organizou citando as palavras de Wilder: *Before the message there must be the vision,/ Before the sermon the hymn, Before the prose the poem*. [1] Goyzueta, na esteira da reflexão de Wilder, quer sublinhar a importância de recuperar o simbólico, o imaginativo, o afetivo, ou seja, tudo que não e estritamente racional para que a teologia hoje ainda possa dizer algo aos seres humanos em sua sede de Deus. Assim fazendo pretendem igualmente resgatar uma experiência do mistério divino que a todo instante se aproxima de suas vidas propondo vida plena e amorosa comunhão. (WILDER, 1976, p. 2)

Em outro texto, o próprio Goyzueta acrescentara que essa vitalidade que a comunidade crente e celebrativa concede a fé deve, sim, ser vista pelas lentes de uma estética. Mais: sustenta que a fé vivida dos pobres "faz nascer uma estética teológica da libertação que subverte as noções modernas e pós-modernas do símbolo como um signo arbitrário, intercambiável sem conexão intrínseca com seu referente." (GOYZUETA, 2013, p. 62).

Ao estabelecer os parâmetros para sua teopoética, então, Goyzueta critica aquele que e largamente considerado como o principal teólogo da estética – o suíço Hans Urs von Balthasar – afirmando ser sua estética "social e politicamente ambígua" (GOYZUETA, 2013, p. 63). A razão desta critica reside no fato de, para Goyzueta, faltar um elemento na construção deste sistema teopoético por parte de Balthasar: o compromisso político (GOYZUETA, 2013, p. 63). Goyzueta, estudioso e conhecedor da Teologia latino-americana da Libertação, adverte que esta teologia representa uma salvaguarda contra a redução da estética a uma experiência religiosa apolítica, onde o Belo não irrompe no mundo, transformando-o, mas e simplesmente uma reflexão legitimadora deste mundo. (GOYZUETA, p. 63)

O próprio Balthasar reconhecera explicitamente que "tudo será julgado pela maneira como trataram " o menor dos meus irmãos". (BALTHASAR, 1988 apud GOYZUETA, 2013, p. 68) Ou seja, a reflexão de Goyzueta prossegue na linha de que a estética em termos cristãos, e inseparável de uma ética. E embora não use exatamente estas palavras, e bem claro em seu artigo que defende uma teopoética que inclua esses dois polos, já que afirmara mais adiante que "o amor e a medida de uma estética teológica crista. (GOYZUETA, 2013, p. 70) O projeto teológico balthasariano só será suscetível de produzir uma teologia estética se estiver fundamentado em uma opção pelos pobres, mais precisamente em uma opção pelo Deus dos pobres. (GOYZUETA, 1965, p. 75)

Goyzueta aplica sua reflexão a comunidade latina dos EUA, a qual pertence e na qual a revelação de Deus e mais perceptível nas celebrações e nas práticas religiosas do

[1] Antes da mensagem deve haver a visão,/ antes do sermão, o hino/antes da prosa, o poema. Tradução livre.

cotidiano, onde os pobres acompanham a Cristo e por ele são acompanhados em seus sofrimentos e lutas.

Para outro importante teólogo latino dos EUA, Alejandro Garcia-Rivera, a teopoética traz como contribuição a teologia o fato de ser uma teologia vivente e dinâmica em contraposição a uma teologia de textos e racionalista. O louvor, a celebração, o canto, os rituais não são acessórios na vida crista, mas a fundação mesma da identidade desta. A liturgia e o rito revelam aquilo em que realmente a fé crê e professa, e visibiliza para o mundo a relação do ser humano com Deus e com o mundo. Como a Igreja louva, celebra e canta e ou deve ser um testemunho profético da verdade que professa. A estética, a beleza, a gratuidade atrai para a Beleza maior e infinita d' aquele que é o centro da vida.

A TEOPOÉTICA NA TEOLOGIA EUROPEIA

Em termos da teologia europeia, o teólogo católico Karl-Joseph Kuschel, discípulo do grande teólogo Karl Ranher, e o grande nome do diálogo entre teologia e literatura e, portanto, desta peculiar área do saber que vai sendo chamada por muitos de "teopoética". Karl-Josef Kuschel – grande sistematizador da relação entre teologia e literatura – insinua que Deus é um péssimo princípio estilístico. Podemos ensaiar uma interpretação desta afirmação e a mesma vai na linha do que o mesmo Kuschel diz sobre a Teopoética, área que ele cria e nomeia. Não é teopoética, diz Kuschel, o que se poderia chamar de "outra" teologia, ou da substituição do Deus de Jesus Cristo pelo dos diferentes escritores e poetas, mas a questão da estilística de um discurso sobre Deus que seja atual e adequado. (KUSCHEL, 1999a) De minha parte, creio que a afirmação central do cristianismo de que "Deus é amor" da Primeira carta de João é, ao contrário, um excelente princípio estilístico. O que, na história da humanidade, seduziu mais a literatura como tema do que o amor em todas as suas formas? Por isso, creio que nesse sentido, sim, Deus é um excelente princípio estilístico. (BINGEMER, 2016)

Em uma de suas obras, Kuschel declara que recontextualizando o trabalho de poetas, romancistas e dramaturgos, ele espera estabelecer uma " teopoética". Pois a literatura coloca questões não apenas para nos, mas também para Deus. (KUSCHEL, 1999b).

A partir daí, conclui que a teologia necessita da competência intercultural. Em resenha do livro de Kuschel que citamos abaixo, em nota, Michael J. Ward afirma que " se mais teólogos fossem atentos a linguagem da poesia tanto como a seu pão cotidiano, a linguagem teológica e mesmo a pregação, seriam mais ricas. (WARD, 2000, p. 395)

Em seu livro *The poet as mirror,* Kuschel se propõe traçar esboços de uma Teopoética. (KUSCHEL, 1999b) Ele começa por afirmar que para muitos autores o falar de Deus surge de uma reação a agitações e inquietudes históricas e pessoais. Ou seja, surgem da percepção a flor da pele de experiências estilhaçadas que levam a determinadas consequências: a tentativa de apagar o nome de Deus do texto (Durrenmatt); romper todos os modelos e abraçar a exploração de conversações sem precedentes com Deus (Marie Luise Kaschnitz); esboço de novas teologias da rebelião, guiadas pela convicção de que se pode respeitar a Deus litigando com Ele (Elie Wiesel, Heinrich Heine, Svi Kolitz).

Citando seu mestre Karl Ranher, o Autor disserta sobre o abismo sobre o qual caminha a Teopoética: o desafio de falar sobre alguém, sobre um mistério que e ao mesmo tempo um abismo de incompreensibilidade. De tal modo que a linguagem sobre Deus muito frequentemente tem que ser o silencio e não a palavra. (KUSCHEL,

1999b) Ou pelo menos, como diz textualmente Ranher, citado por Kuschel, "todo falar sobre Deus pode apenas ser o último momento antes desse bendito silencio (...) Passamos muito tempo falando e em todo este falar basicamente esquecemos sobre o que estamos falando." (RAHNER, 1984 apud KUSCHEL, 1999b)

Kuschel sustenta sua concepção de Deus como abismo incompreensível sobre o qual balança o desejo e a angustia humanos. E afirma que a discussão critica com a teopoesia dos poetas e escritores mostra que o falar de Deus não pode enganar as pessoas sobre esse abismo. Nesse sentido, a teopoética ou teopoesia deve ser entendida como uma " mistagogia" no sentido de Ranher: uma iniciação ou guia para o mistério de Deus como abismo. (KUSCHEL, 2010b, p. 223). Por isso a querela com Deus e uma forma de falar dele e com ele. Como diz Elie Wiesel, citado por Kuschel: " O oposto do amor não e o ódio, mas a indiferença; o oposto da vida não e a morte, mas a ausência de sentimento". (KUSCHEL, 2010b, p. 224) Autores judeus foram capazes de ver que a revolta mesma do ser humano contra Deus pode ser uma forma de oração.

Voltando a citar Ranher, Kuschel se refere a sua reflexão sobre o teólogo e o pregador, personagens que não devem nem são chamados a falar de Deus com certezas e em estilo assertivo, como quem tem a solução dos enigmas e problemas do mundo, mas como quem os deixa abertos, aceitando a impossibilidade de resolver este mistério que e chamado de Deus. E isto significa, dirá Ranher: " ...crendo e esperando e amando." (RAHNER, 1968, p. 552)

Este número da revista *Interações* nos traz belos exemplos de um diálogo entre Teologia e Literatura que se quer Teopoética. Área que cresce sempre mais no Brasil e na América Latina, assim como no mundo inteiro, certamente ele proporcionará ao leitor o sabor da teologia enraizada na literatura e na poesia que tendem a converter-se em nova e poderosa mediação hermenêutica para a inteligência da fé, outro nome da teologia.

Maria Clara Lucchetti Bingemer

Doutora em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Gregoriana (1989). Atualmente é professora titular no Departamento de Teologia da PUC-Rio. Durante dez anos dirigiu o Centro Loyola de Fé e Cultura da mesma Universidade. Durante quatro anos foi avaliadora de programas de pós-graduação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Durante seis anos foi decana do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Tem experiência na área de Teologia, com ênfase em Teologia Sistemática, atuando principalmente nos seguintes temas: Deus, alteridade, mulher, violencia e espiritualidade. Tem pesquisado e publicado nos últimos anos sobre o pensamento da filósofa francesa Simone Weil. Atualmente seus estudos e pesquisas vão primordialmente na direção do pensamento e escritos de místicos contemporâneos e da interface entre Teologia e Literatura.

REFERÊNCIAS

BINGEMER, Maria Clara. Deus como principio estilístico. **Adital**. 2 Jul. 2012. <http://www.adital.com.br/site/noticia_imp.asp?lang=PT&img=S&cod=68392> Acesso em 15 Abril 2016.

DAILEY, Thomas F. Eucharist & the Theopoetics of Encounter according to St. Francis de Sales. In: CHORPENNING, Joseph. **Human Encounter in the Salesian Tradition**. Rome: International Commission on Salesian Studies, 2007, p. 63-76.

GARCIA-RIVERA, Alejandro R. **Wounded Innocence**. Sketches for a theology of Art. Collegeville: Liturgical Press, 2003.

GOYZUETA, Roberto. Theo-drama as liberative praxis, **Cross-Currents** 63, n. 1 (March 2013) p. –

HOLLAND, Scott. **How Do Stories Save Us?** Grand Rapids: Eerdmans, 2006.

HOPPER, Stanley. "Introduction." In: MILLER, David L. (edited by). **Interpretation**: The Poetry of Meaning. New York: Harcourt Brace, 1967, p. IX-XXII.

KUSCHEL, Karl-Josef. **As escrituras e os escritores**: retratos teológicos-literários. São Paulo: Loyola, 1999a.

KUSCHEL, Karl-Josef. **The poet as mirror**. London: SCM Press, 1999b

MORO, Ulpiano Vazquez SJ. **A orientação espiritual**: Mistagogia e Teografia. São Paulo: Loyola, 2010.

RAHNER, Karl. *"Sorge der Kirchefur das LebendesGlaubensheute"* in *Handbuch der Pastoral theologie. Praktische Theologie der Kirche in ihrer Gegenwart. III, ed F.X. Arnold et al., Freiburg im Bresigau 1968* (n. 97), p 522

WEAVER, J. Denny. Series Editor's Foreword. In: GUNDRY, Jeffrey Gene. **Songs from an Empty Cage**: Poetry, Mystery, Anabaptism, and Peace. Telford: Cascadia, 2013, p. 13-14.

WILDER, Amos N. **Grace Confounding**: Poems. Eugene: Wipf and Stock Publishers, 2014.

WILDER, Amos N. **Theopoetic**: Theologyand the Religious Imagination. Philadelphia: Fortress Press. 1976.

SCHNEIDERS, Sandra. "Biblical Spirituality." In: LINCOLN, Andrew T. (edited by). **The Bible and Spirituality**: Exploratory Essaysin Reading Scripture Spiritually. Eugene: Cascade, 2013, p. 128-150.

Definitions. **The Association of Theopoetics Research and Exploration**. s/d. Disponível em <http://theopoetics.net/what-is theopoetics/definitions/> Acesso em: 15 abril 2016.